

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

As dificuldades do aluno-trabalhador no ensino superior noturno

Viviane Teixeira Ribeiro

**RIO DE JANEIRO
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

As dificuldades do aluno-trabalhador no ensino superior noturno

Viviane Teixeira Ribeiro

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Elena Viana Souza

**RIO DE JANEIRO
2011**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem Ele não saberia como chegar até aqui, e principalmente, por ter conseguido voltar à Universidade, uma universidade de qualidade como a UNIRIO. Agradeço a ele pelo fôlego de vida, inspiração e auxílio nos momentos mais difíceis dessa minha caminhada.

À minha amada família que esteve comigo em todos os momentos dessa minha conquista. Pelas muitas ajudas e pelas palavras que minha irmã me disponibilizou durante todo esse tempo na faculdade. Pela dedicação integral da minha mãe querida, que sempre esteve disposta a me ajudar. E pelo incentivo e amor do meu pai.

Ao meu amado Alex, que também esteve comigo nessa caminhada, sempre me incentivando, me encorajando e compreendendo minha ausência que muitas vezes, foi frequente durante os nossos quatro anos de relacionamento.

À Professora Doutora Maria Elena, que, gentilmente, acolheu-me, incentivou-me, deu-me todo o suporte de uma Orientadora e abraçou, junto a mim, esta pesquisa. À minha professora leitora, Professora Doutora Ângela Maria, que sempre foi muito especial e doce em suas aulas. Ambas professoras, são responsáveis por aulas que me fizeram muito pensar e me engrandeceram como ser humano na UNIRIO. Obrigada também a algumas professoras da UNIRIO, que não terei como citar aqui, mas que demonstraram compreensão com minha história de vida.

As minhas grandes amigas que torceram por mim, me incentivaram e que hoje vibram comigo por esta conquista.

Agradeço também a minha Supervisora da empresa a qual trabalho, que muitas vezes, também foi bastante compreensiva e me ajudou em muitos momentos que me foram necessários conciliar trabalho e faculdade.

E, sem poder esquecer, ao meu amigo, Ricardo Barreto Marins, que infelizmente, não está mais aqui entre nós, mas que também me ajudou muito nessa caminhada.

Agradeço à UNIRIO, por ter me proporcionado em sete anos e meio de graduação, muito aprendizado. Aprendizados diversos, não só os acadêmicos, mas aprendizados para a vida toda. Sentirei muitas saudades. Mas hoje vou feliz, certa da vitória e certa de que estou melhor como ser humano.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa árdua, porém prazerosa construção de conhecimento. Obrigada!!!

Aos pedagogos e estudantes de pedagogia que, contra a maré montante de tantas profissões glamurosas, não perderam o fascínio por este que é o mais apaixonante dos ofícios: produzir a humanidade no homem.

(SAVIANI)

RESUMO

Este estudo teve como objetivos principais identificar o olhar acadêmico dos alunos-trabalhadores para a universidade pública; caracterizar o crescimento do ingresso de alunos-trabalhadores no Ensino Superior e suas expectativas e por fim, descrever como os alunos trabalhadores entrevistados percebem sua formação universitária já que essa significa uma mudança social na vida deles. Para tal, utilizei a pesquisa bibliográfica que teve como referências os autores Marília Sposito (1989), Paulo Freire (1996), Célia Pezzolo de Carvalho (2001), entre outros. Buscando compreender as principais questões referentes às dificuldades encontradas pelo aluno-trabalhador na universidade pública, fiz entrevistas com quatro alunos-trabalhadores no Curso de Pedagogia da UNIRIO. Ao final do estudo, chega-se à conclusão de que há pouca discussão em torno desse tema tanto na Universidade Pública quanto em bibliografias e que faltam políticas realmente democráticas para a permanência de alunos-trabalhadores na Universidade Pública.

Palavras-chave: aluno-trabalhador; ensino superior; democracia no ensino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – Expansão do ensino superior e o aumento do ingresso de alunos-trabalhadores na Universidade.....	10
CAPÍTULO 2 – O percurso do aluno-trabalhador no ensino universitário.....	16
CAPÍTULO 3 – O que dizem os alunos trabalhadores – como eles percebem sua formação no ensino universitário.....	23
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXO.....	40

INTRODUÇÃO

Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão. Mas no fundo isso não tem muita importância. O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre. Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

(William Shakespeare)

Sou uma pessoa movida por sonhos. E por isso escolhi o texto acima, pois o mesmo explica esse meu jeito de ser e de viver, que é o de sonhar e sonhar muito, não importa como nem quando sonhei, o importante foi que sempre sonhei e estou conseguindo realizar meus sonhos. Esse texto vem ratificar a minha felicidade, pois estou conseguindo realizar mais um sonho, que é a conquista do meu diploma.

E foi sonhando que planejei para minha vida, estudar. Sempre acreditei que o conhecimento é a melhor arma para nos transformar em seres humanos melhores. E agora, além de realizar o grande sonho da conquista do diploma, começo a finalizar este sonho com a elaboração da minha monografia. Último trabalho da graduação e para mim, particularmente, um trabalho muito importante, pois irá relatar experiências vividas por mim e por alunos que também passaram por experiências muito próximas das minhas. Durante todo o meu curso de graduação em Pedagogia, considerei importante falar sobre as dificuldades encontradas por nós, alunos trabalhadores, em um curso superior para conciliar trabalho, vida escolar e vida pessoal, pois acredito que essa temática ainda é pouco explorada no mundo acadêmico.

Pretendo iniciar meu trabalho abordando um assunto complementar ao anterior, que é o crescimento do ingresso do aluno trabalhador em um curso universitário. O acesso à universidade, pelo aluno-trabalhador, é um sonho cada vez mais presente na vida de muitos jovens e, principalmente, na vida de muitos adultos, pois, assim como eu, pessoas com situação econômica desfavorecida, ingressam em uma Universidade, sonhando com a possibilidade de melhoria profissional e consequentemente com a melhoria de sua vida financeira. A partir disso, quero discorrer sobre lutas que ele enfrenta para permanecer na universidade, depois de conseguir ingressar na mesma. Tomarei como base para elaborar esse trabalho, minha experiência e a de quatro alunos também trabalhadores do curso de Pedagogia da UNIRIO que foram entrevistados.

Pertenço à classe popular que será tão citada aqui neste trabalho. Sou filha de pai autônomo somente com o antigo primário e de mãe professora que escolheu se tornar dona de casa e viver para a família. Estudei todo meu ensino fundamental em um colégio público, do qual sinto muitas saudades. Fiz o ensino médio profissionalizante em técnico em Contabilidade, no SENAC e infelizmente, por influência de amigas não fui fazer o curso normal, do qual hoje me arrependo. Não tive escolha, me formei no antigo segundo grau e fui direto para o mercado de trabalho, não pude ir para a faculdade. Desde os 18 anos trabalho na área de crédito, mas nunca desisti da faculdade.

Depois de alguns anos, consegui retornar à faculdade no curso de Letras de uma universidade particular, mas infelizmente problemas financeiros me fizeram trancá-la. Foi terrível e frustrante. Mas eu não desisti e continuei sonhando. Foi quando, inacreditavelmente, para mim, consegui passar para uma universidade pública; não acreditei, pois não havia me preparado para isso. Pedagogia não foi a minha primeira opção, porém, era a mais próxima do curso de Letras. Mas uma grata surpresa me surpreendeu no decorrer do curso, que foi o surgimento da minha paixão pela Pedagogia.

Foram vários reencontros felizes, pois voltei para a universidade, consegui passar para uma universidade pública e me apaixonei pelo curso que escolhi, mas mesmo com todas essas gratas surpresas, veio também a descoberta dos vários obstáculos que eu teria que enfrentar até chegar ao tão sonhado diploma de uma universidade pública.

A primeira dificuldade percebida, ao ingressar em um curso de uma Instituição Pública, como a UNIRIO, foi quando entreguei minha documentação e deparei com a grade do primeiro período e descobri que havia disciplinas no turno da tarde, ou seja, descobri que se tratava de um curso tarde/noite. Foi então, que bateu o primeiro desespero. Depois de muito pensar, decidi então, que faria somente as disciplinas que fossem do turno da noite, e assim, durante vários períodos, cursei somente as disciplinas noturnas. Porém, com a mudança do turno do curso de Pedagogia da UNIRIO, definitivamente, para o horário noturno, as coisas foram melhorando, mas mesmo assim, ainda encontrei muitas dificuldades para concluir o curso, pois para alunos trabalhadores como eu, a visão da universidade pública ainda é excludente, pois nós alunos, é que devemos nos

adequar aos horários e à disponibilidade de disciplinas ofertadas pelo curso, dificultando, principalmente, a vida do aluno-trabalhador na universidade pública.

Portanto, esse trabalho se preocupa em discorrer sobre o aumento do ingresso de alunos trabalhadores em um curso superior noturno, mas, principalmente, sobre a permanência destes, mostrando o meu exemplo e o dos alunos entrevistados, pois, não basta apenas a inclusão desse público em universidades públicas, se estas não se preocuparem em prestar um bom atendimento a eles. É preciso que haja políticas realmente democráticas dentro da universidade pública para mantê-los, pois não adiantará eles estarem matriculados nesse tipo de universidade, se esta, não os atende com a dignidade e o respeito que merecem.

A partir desses pressupostos, os objetivos desse estudo são:

- . Identificar o olhar acadêmico, para a universidade pública, pelos alunos-trabalhadores.
- . Caracterizar o crescimento do ingresso de alunos-trabalhadores no Ensino Superior e suas expectativas.
- . Descrever como os alunos trabalhadores entrevistados percebem sua formação universitária já que essa significa uma mudança social na vida deles.

Em suma, este estudo tem a intenção de colaborar para uma visão mais democrática, efetiva, da universidade pública, pois, não basta apenas se preocupar com o acesso nas universidades, é necessário principalmente criar condições justas de permanência para alunos-trabalhadores na mesma, já que em sua maioria, estes advêm de classes populares, e esta ainda é o melhor espaço para se viver uma educação realmente de qualidade.

CAPÍTULO I

EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR E O AUMENTO DO INGRESSO DE ALUNOS TRABALHADORES NA UNIVERSIDADE

Sabemos que ainda existem jovens e adultos que sonham com a conquista de ingressar em um curso universitário e este desejo ainda é algo muito presente também no desejo de suas famílias. Há uma expectativa de que quem consiga ingressar numa faculdade, alcance mais êxito em sua vida profissional e conseqüentemente, a sua vida financeira também terá mais sucesso e será muito mais satisfatória do que aquele que não cursou um curso superior.

Podemos confirmar essa concepção através do processo de educação nos últimos tempos, já que historicamente, o sistema educacional brasileiro desempenha a função de fornecer diplomas como forma de garantir conhecimentos, prestígio e poder. E isso faz com que, geralmente, famílias de todas as classes econômicas, acreditem que o sucesso proverá somente se o indivíduo tiver feito formação superior.

Essa necessidade de ingresso em um curso superior para garantir sucesso profissional e financeiro, se comprova na busca de profissionais no mercado, pois ser graduado hoje em dia, é requisito para a contratação de profissionais em algumas empresas, algo que aconteceu comigo, pois, para eu ter sido contratada para trabalhar na empresa onde trabalho, uma multinacional, uma das exigências, era de ser graduada ou de, no mínimo, estar cursando uma faculdade.

Diante dessa perspectiva, tão presente em nossos dias, sendo em camadas populares ou não, podemos confirmar como realmente houve um crescimento no ingresso de jovens e adultos em cursos superiores e o aumento de alunos-trabalhadores que ingressaram num curso superior com a intenção de ascensão social e econômica, mas que infelizmente, passam por um percurso árduo dentro da universidade até a tão sonhada conquista do diploma.

2.1 O Ensino Superior noturno e o acesso à Educação Superior no Brasil: breve retrospectiva

Segundo os estudos de João de Oliveira, Mariluce Bittar e Jandernaide Lemos, no Capítulo III da *Revista de Educação Pública* (2010, p.248), o acesso e a expansão do ensino superior noturno no Brasil estão diretamente ligados ao processo de crescimento do sistema de ensino que teve início a partir da década de 1930, no momento do auge da industrialização do país.

Os autores também abordam no referido texto, que no período do Brasil-Império (1822-1889), já existiam os primeiros movimentos para o aumento do ensino noturno no país, com a abertura de escolas destinadas ao atendimento de adultos analfabetos. E na república velha (1889-1930), foram criadas escolas de operários, para dar atendimento a crianças, jovens e adultos, já presentes no mercado de trabalho.

Ainda segundo os mesmos estudos (2010, p.249), no governo de Vargas, a educação de adultos foi caso de política de governo, devido ao problema do grande número de analfabetos naquela época. Durante o período populista, entre (1946-1964), a procura por educação aumentou e o ensino noturno apareceu como alternativa considerável devido ao grande número de crianças e jovens, que muito novos, passaram a fazer parte do mercado de trabalho.

Os referidos autores apontam que em relação ao campo do ensino superior, no início dos anos 1960, os estudantes que não ingressaram na universidade, reivindicavam por mais vagas. Esse fato favoreceu a abertura de faculdades no horário noturno, principalmente as do setor privado. Mas, pode ser notado, que ao final desta década, muitos estudantes já não conseguiam dar mais continuidade aos estudos, pois, muitos não conseguiam conciliar trabalho e estudo e, principalmente, os alunos não conseguiam pagar as mensalidades das faculdades privadas.

Segundo os mesmos apontamentos teóricos, esta situação levou o governo, durante o regime militar (1964-1984), a unificar o vestibular em todo país, criando o vestibular classificatório. Mas, outras medidas também vieram através desse evento, como por exemplo, o ensino de 2º grau profissionalizante por meio da Lei nº 5.692/71 e também o Programa de Crédito Educativo em 1975. Isso tudo foi criado como medida para solucionar as pressões por vagas no ensino superior. Mas também podemos concluir que, a partir disso, o ensino superior noturno, atendia, prioritariamente, a categoria de estudante trabalhador, principalmente as instituições privadas.

Desde o período de redemocratização do país, ocorrido nos anos 1980, até os dias atuais, podemos perceber que a procura por educação no turno noturno, por jovens e adultos trabalhadores é uma crescente. E isso acontece, pois o conceito de ascensão social para os menos abastados está associado ao discurso de que o diploma trará oportunidades de ingresso, permanência e sucesso no mercado de trabalho, e conseqüentemente, de melhoria do poder aquisitivo, sendo esse, para muitos, o objetivo mais importante a ser alcançado, pois, há uma quebra do ciclo vicioso da posição de classe e da exclusão social sofrida por este público.

E por esse motivo, as famílias das classes menos favorecidas, fazem um sacrifício muito grande para ajudarem seus filhos a ingressar numa universidade, seja pagando escolas particulares caras durante o ensino básico para que eles possam ingressar numa universidade pública, ou ajudando-os a pagarem a mensalidade de suas faculdades particulares.

Para compreendermos a história da expansão do ensino noturno no Brasil, precisamos também compreender a história do acesso ao ensino superior ao longo das reformas da educação, tendo como base a democratização e a universalização do ensino, igualdade de oportunidades, qualidade de ensino, avaliação, dentre outras.

Diante dessa análise histórica acerca da expansão do ensino noturno no Brasil, a qual está diretamente ligada ao crescimento do ensino superior, podemos perceber diante dos números a seguir, que esse crescimento se dá principalmente no ensino noturno, devido à demanda maior ser dos alunos trabalhadores, pois a partir do período de redemocratização do Brasil, este público se fez e se faz efetivamente presente. Eles querem dar voz a seus sonhos e querem romper com o ciclo vicioso da exclusão social, a qual sempre os deixou à margem da sociedade. Eles querem, enfim, participar desse novo país que também está nascendo junto com o ideal de vida de cada um deles.

Os dados dos quadros a seguir foram extraídos do site do INEP/MEC, e evidenciam o número de matrículas na educação básica e superior, bem como em algumas modalidades de ensino, com destaque para os percentuais de matrículas no ensino noturno. O quadro 1 nos permite ver que as matrículas no ensino médio estão decrescendo enquanto as matrículas na educação superior estão crescendo ano a ano, o que poderá implicar em diminuição da demanda para a educação superior, caso essa tendência se mantenha.

Quadro 01 – Matrículas no Brasil por etapa e modalidade de educação no período de 2004 a 2008.

Etapas e modalidades de educação	Matrículas	Matrículas	Matrículas	Matrículas	Matrículas
	2004	2005	2006	2007	2008
Educação Infantil	6.903.763	7.205.039	7.016.095	6.509.868	6.719.261
Ensino Fundamental	34.012.434	33.534.700	33.282.663	32.122.273	32.086.700
Ensino Médio	9.169.357	9.031.302	8.906.820	8.369.369	8.366.100
Educação Especial	371.382	378.074	375.488	348.470	319.924
Educação de Jovens e Adultos	5.718.061	5.615.426	5.616.291	4.985.338	4.945.424
Educação Profissional	676.093	707.263	744.690	693.610	795.459
Educação Superior	4.163.733	4.453.156	4.676.646	4.880.381	5.080.056

Fonte: INEP/MEC - 2008.

Quadro 02 - Matrículas no ensino superior no Brasil por turno e categoria administrativa em 2008.

Categoria Administrativa	Total	Matrícula/Turno	Matrícula/Turno	Matrícula/Turno	Matrícula/Turno
		Diurno	%	Noturno	%
Público	1.273.965	793.181	62,3	480.784	37,7
Privado	3.806.091	1.107.262	29,1	2.698.829	70,9
Total	5.080.056	1.900.443	37,4	3.179.613	62,6

Fonte: INEP/MEC - 2009.

Podemos perceber no Quadro 02 (BRASIL. Inep, 2009) que a oferta do ensino superior noturno é maior na rede privada (70,9%); já na rede pública esse percentual de matrículas é de 37,7%. No geral, 62,6% das matrículas no ensino

superior são registradas no curso noturno. Dessa forma, confirmamos que a maioria dos alunos trabalhadores está matriculada no ensino noturno privado, e que o setor público destina 62,3% de suas matrículas no turno diurno, deixando clara a dificuldade do acesso de alunos trabalhadores ao ensino público.

Quadro 03 - Matrículas por turno, segundo a rede administrativa da IES – 2008.

Rede Administrativa da IES	Total	Matrículas/Turno		Matrículas/Turno	
		Diurno	%	Noturno	%
Federal	643.101	476.509	74,1	166.592	25,9
Estadual	490.235	276.792	56,5	213.443	43,5
Municipal	140.629	39.880	28,4	100.749	71,6
Comunit./Confes./Filant.	1.357.290	470.943	34,7	886.347	65,3
Particular	2.448.801	636.319	26,0	1.812.482	74,0

Fonte: INEP/MEC - 2009.

O Quadro 03 nos confirma que, realmente, em primeiro lugar, o maior número de matrículas encontra-se no horário noturno das instituições privadas. E em segundo lugar, o maior número de matrículas encontra-se nas instituições comunitárias/confessionais/filantrópicas também no horário noturno, confirmando o grande crescimento do segmento da educação privada ocorrido nesta última década.

Diante destes números, podemos confirmar que o acesso dos alunos trabalhadores às instituições públicas é muito restrita, pois a oferta do horário noturno, nessas instituições, são muito reduzidas e a oferta maior das instituições públicas encontra-se no período diurno. Sendo assim, os alunos trabalhadores, acabam se rendendo aos cursos superiores das instituições privadas. E com isso, o aluno-trabalhador ao ingressar numa universidade particular - a qual, muitas vezes, não tem como objetivo a qualidade no ensino, pois, a mesma está preocupada na quantidade de matrículas e o que esta quantidade renderá para ela, ou seja, o tão esperado lucro - o aluno pensa que garantirá um futuro melhor conquistando a tão sonhado independência financeira através do diploma universitário. Na maioria das vezes, ele se depara com um cenário totalmente oposto ao sonhado, pois se depara com um curso despreparado e sem qualidade no ensino e ainda pode encontrar

dificuldades financeiras no decorrer do curso e não conseguir manter, em dia, suas mensalidades.

É sobre os dilemas encontrados pelo aluno trabalhador, ao ingressar no ensino superior, que o próximo capítulo discorrerá. Escrevi sobre como o aluno-trabalhador além de, muitas vezes, não poder manter pagas suas mensalidades em universidades particulares e também de se deparar com ensino sem qualidade, se rende a elas, pois o mesmo também se depara com a dificuldade ou até mesmo com a improbabilidade de ingressar numa universidade pública, já que a grande maioria desses alunos não tiveram estudos adequados para concorrerem aos famosos e concorridos vestibulares. Porém, quando este consegue ingressar numa universidade pública encontra outros tipos de dificuldades e até certos preconceitos, e este assunto é um dos maiores objetivos a serem abordados neste capítulo, já que o campo de pesquisa ocorreu numa universidade pública, a UNIRIO. O capítulo mostrará as dificuldades e expectativas que o aluno-trabalhador enfrenta para concluir sua graduação numa universidade pública.

CAPÍTULO II

O PERCURSO DO ALUNO-TRABALHADOR NO ENSINO UNIVERSITÁRIO

O presente estudo surge pela motivação pessoal na observação da vivência acadêmica e profissional em empresa privada, destacando a relação com os objetos envolvidos: aluno-trabalhador X ensino superior noturno. O tema, apesar de relevante, não é recorrente sendo pouco abordado pelos autores da área de Educação.

Como foi apresentado no primeiro capítulo, o crescimento das matrículas em cursos universitários noturnos por alunos-trabalhadores deve-se ao fato de eles estarem matriculados motivados pela mudança de sua classe social. Eles pretendem ascender economicamente, porque querem deixar de fazer parte de uma maioria excludente, que é a classe popular.

Nesse mesmo sentido, os pesquisadores Ana Shirley Moraes, Renato Carr e Lúcia Helena Gouvêa (1994, p. 367) endossam essa ideia ao afirmarem que:

Nesse clima vem à cena a visão da educação sob o ponto de vista econômico. Cabe revelar que a Teoria do Capital Humano (Schultz, 1973), uma teoria do desenvolvimento, constitui-se, no Brasil, nesse momento, em verdadeira "Teoria da Educação", gerando a crença de que o investimento em educação garantiria o aumento do desenvolvimento cognitivo e a competência técnica dos indivíduos. Como consequência, implantou-se o "otimismo pedagógico" na sociedade, acreditando-se que o maior nível de escolaridade possibilitaria o aumento da capacidade de produção individual: a majoração da remuneração dos trabalhadores e sua ascensão social e profissional.

Dentro desse contexto, mesmo com tantos sacrifícios em conciliar trabalho com estudos e vida pessoal, os alunos-trabalhadores ingressam na Universidade com a pretensão de cumprirem seu objetivo maior que é a mudança de seu status quo, pois está estabelecido dentro da sociedade moderna que o conhecimento é o melhor meio para a quebra da reprodução social e, conseqüentemente, o indivíduo dotado de saber pode colaborar na *criação e recriação do poder tendo em vista o pleno exercício de sua cidadania*¹, e o melhor espaço para eles aprenderem a exercer esse ofício é dentro da Universidade.

¹ Termo utilizado pelos autores João de Oliveira, Mariluce Bittar e Jandernaide Lemos, no trabalho Ensino Superior Noturno no Brasil: Democratização do acesso, da permanência e da qualidade.

Sabemos que para um trabalhador ingressar numa universidade, requer vários atributos como: disponibilidade de horário para chegar à faculdade e disponibilidade para seus estudos; requer também proximidade ao local de trabalho ou ao local residencial; também requer situação financeira satisfatória e no caso de cursarem em faculdades públicas, poder pagar seus textos “xerocados” ou até comprar alguns livros se necessário, e também para a sua alimentação e transporte e no caso de cursarem em faculdades particulares, conseguirem além dessas coisas, principalmente, terem situação financeira para conseguirem manter pagas suas mensalidades.

O aluno-trabalhador quando consegue ingressar numa universidade pública, muitas vezes, não consegue conciliar o horário de trabalho com o horário da universidade, pois muitos cursos da universidade pública são integrais, principalmente os de carreira que garantem maior rentabilidade financeira. Também há dificuldade na disponibilidade das disciplinas no horário noturno, ou seja, os alunos-trabalhadores enfrentam problemas para montar seus horários, pois as disciplinas são ofertadas de acordo com a disponibilidade do professor e com isso não há uma grade de horário flexível na universidade pública; e ainda há o problema de a maioria delas ficarem em localização de difícil acesso, ou seja, longe da residência e/ou do local de trabalho dos alunos. Com isso, a universidade pública, ao invés de ser um local verdadeiramente democrático e inclusivo, torna-se uma aliada na exclusão deste público, e as universidades privadas acabam sendo a melhor opção neste tipo de caso.

Desta forma, podemos confirmar esta afirmação através dos estudos dos pesquisadores Ana Shirley Moraes, Renato Carr e Lúcia Helena Gouvêa (1994, p. 369) quando dizem:

Para que o trabalhador possa estudar, necessita de um tipo de escola que permita a conciliação do trabalho com o estudo, oferecendo horário compatível, boa localização em relação ao emprego e à moradia, maior oferta de vagas e qualidade de ensino, entre outros fatores. Assim, pelo que se percebe na realidade do ensino superior brasileiro, principalmente nos grandes centros urbanos, é cada vez maior o número de trabalhadores da classe média que procuram escolas superiores noturnas (Sposito, 1989), geralmente vinculadas à formação para o mercado, em função dessa necessidade.

Conforme o comentário acima acerca do tema, constatei que alunos das classes populares são os mais prejudicados por esta exclusão devido a grande parte fazer parte das universidades particulares e não das universidades públicas. Pois, muitos deles quando chegam ao ensino médio e conseguem concluí-lo, partem

diretamente para o mercado de trabalho, pois além de não saírem “preparados” para prestarem os vestibulares das universidades públicas, também necessitam trabalhar, para se manter financeiramente e ajudarem em casa, e com isso, acabam dificultando ou praticamente anulando a possibilidade de retornarem à sala de aula, no caso deles, a sala de aula de uma universidade pública.

Tomando como base o livro de Célia Pezzolo de Carvalho: *Ensino Noturno – Realidade e Ilusão*, (2001, p.22), podemos verificar que a problemática do aluno-trabalhador no ensino noturno não está presente somente no ensino superior, este é um problema que, muitas vezes, já se inicia na educação básica com alunos de escolas públicas. A autora faz uma pesquisa com alunos desta fase de escolaridade que enfrentam o problema da dificuldade econômica em seus lares e por isso são “obrigados” por seus pais a trabalhar, mesmo muito novos, e permanecem estudando com a “garantia” dada também por seus pais de que assim um dia terão uma vida financeira melhor.

Ainda segundo a autora, a escola desde cedo favorece a reprodução social desses alunos quando não apresenta uma proposta preocupada com a história de vida de cada um desses alunos. Ela critica a maneira como a escola não se insere no *contexto da luta de classes*², e ignora a reprodução capitalista da nossa sociedade e assim fortalece as ideias deste sistema, que é o de manter pobre aquele que nasce assim, e tornar mais rico, aquele que também nasce assim. De acordo com a autora, (2001, p.6):

A respeito das relações entre escola e processo produtivo, há muito o que estudar ainda. Poder-se-ia afirmar que, pela rotina escolar, a força de trabalho é preparada para ser “livre” ofertante no mundo da mercadoria. Os alunos saem da escola sem uma qualificação específica, técnica, mas preparados para aprenderem no processo produtivo e para aceitar (no caso dos alunos dos cursos noturnos) uma colocação inferior a hierarquia salarial, pois frequentando cursos “fracos”, terão um salário “fraco”. Mas, ao mesmo tempo, acreditam que, se continuarem estudando, poderão alcançar um futuro melhor. A nível individual, essa formulação ideológica colabora para a reprodução da força de trabalho e auxilia a reprodução do trabalhador coletivo. Essa “cooperação” na reprodução da força de trabalho é realizada não só através do que ela ensina, mas também através do que ela deixa de ensinar. Da ótica da escola, o que ela ensina será materializado no diploma, que nem sempre é prova de que se aprendeu realmente, mas condição para ocupar posições na hierarquia salarial. E o que não ensina é materializado na inculcação de atitudes disciplinadas e submissas que são essenciais para a reprodução das condições gerais do processo de produção social.

² Termo utilizado pela autora no livro: *Ensino Noturno – realidade e ilusão* (2001:20).

Isso só confirma que há um impedimento do aluno-trabalhador de chegar à universidade pública, já que este, em sua maioria, advém do ensino fundamental e o de ensino médio de ensino público e quando sentem a necessidade, para satisfazerem seus desejos pessoais e profissionais ou para satisfazerem os desejos de seus familiares, de retornar aos estudos, partem para ingressar nas universidades particulares. Porém, acontece em alguns casos, que além destes alunos não frequentarem universidades de qualidade, acabam também optando por cursos de graduação que satisfazem apenas a sua necessidade profissional, pois muitos deles já estão no mercado de trabalho e acabam se rendendo a cursos superiores que não satisfazem seu objetivo pessoal, mas resolvem, em um primeiro momento, as necessidades relacionadas a sua carreira profissional, que por sua vez, está relacionada à empresa a qual trabalham ou relacionada à necessidade de uma profissão que o mercado de trabalho necessita naquele momento. E com isso, estes discentes, colaboram implicitamente, para a reprodução do sistema capitalista, fortalecendo o mecanismo do sistema de mercado de trabalho atual, reiterando as afirmações da autora.

Quando jovens e adultos trabalhadores, em sua maioria da classe popular, conseguem chegar ao ensino superior, mesmo diante dos impedimentos apresentados anteriormente, se deparam com muitas dificuldades para conciliar vida pessoal, profissional e acadêmica. A primeira delas é a fadiga mental e física, pois muitos deles já chegam à faculdade depois de uma carga horária de trabalho de, geralmente, oito horas, e por isso o rendimento não é mais o mesmo e o poder de concentração também é pouco. Eles também esbarram na dificuldade de tempo disponível para estudarem aos finais de semana já que ficam muito cansados e este é o único tempo que eles têm para realizar as atividades do lar. Esbarram também na dificuldade em se locomoverem do trabalho até à faculdade e depois desta até suas residências, pois, na maioria das vezes, as faculdades estão longe de seu local de trabalho e/ou residência. E ocorre também a dificuldade financeira que quase sempre não é favorável, mas eles precisam arcar financeiramente com as cópias dos textos, com a compra de alguns livros, com as conduções para a faculdade e também com a alimentação. A essa afirmação trago a seguinte citação dos pesquisadores: Ana Shirley Moraes, Renato Carr e Lúcia Helena Gouvêa (1994, p. 368):

Hoje, empiricamente, o que se vê é uma quantidade significativa de indivíduos, homens e mulheres, jovens e adultos, que se dividem diariamente entre as funções de trabalhador e estudante,

concomitantemente, fazendo parte de seu cotidiano o acúmulo de responsabilidades e a exigência de tempo de dedicação à educação e ao trabalho.

Os alunos que ingressam numa universidade particular, que costuma ser a grande maioria dos alunos trabalhadores, como já vimos, devido à grande oferta de vagas no horário noturno, se confrontam com o pior dos problemas, além dos citados anteriormente, que é a dificuldade de manter o pagamento das mensalidades de seus cursos e isso aconteceu comigo na minha primeira tentativa de me formar em um curso superior, pela UNESA, em 2002.

Já quando os alunos-trabalhadores conseguem chegar em um curso de uma universidade pública, o tipo de dificuldades encontradas por eles, além daqueles citados anteriormente, são extensos. Eles se sentem inibidos e desconfortáveis para se relacionarem com outros alunos, principalmente se estes fizerem parte de grupos de alto nível econômico, sem dizer que este grupo costuma ser fechado e nem sempre é receptivo a qualquer tipo de grupo. Dessa forma, grupos de estudo ou grupos para elaboração de trabalhos acadêmicos acabam sendo uma dificuldade também para os alunos-trabalhadores.

Outro impedimento é na relação de alguns professores com este público. Eles não mostram compreensão em fatos que, infelizmente, às vezes deve-se pelo fato de os alunos estarem trabalhando, como por exemplo: atrasos; as leituras de textos que foram feitas em ônibus durante as idas e vindas destes alunos, ou seja, para muitos professores elas não são válidas; o não comparecimento em eventos acadêmicos, sendo que estes, muitas vezes, ocorrem nos horários de trabalho desses alunos; o cansaço físico de alguns alunos em sala de aula também gera a incompreensão de alguns professores. A esta afirmação trago os apontamentos do texto: *Estudantes de origem popular na universidade: em busca de visibilidade e reconhecimento*, de Diógenes Pinheiro (2010, p. 23):

...Mas gostaríamos de sugerir a entrada de um personagem pouco analisado nessa história, que são os próprios estudantes de origem popular que estão na linha de frente desse movimento. São eles, em última análise, os sujeitos desse processo histórico recente. Dito de modo um tanto brutal, são eles que frequentam um ambiente para o qual não foram convidados, sequer esperados e, na maior parte das vezes, não são bem-vindos. (...) É visível, por exemplo, no despreparo das universidades para recebê-los: sem "bandeijões" onde possam se alimentar a preços justos; (...) Além disso, a recusa à sua presença aparece na postura arrogante de muitos professores que – a expressão é forte, porém infelizmente verdadeira – olham com desprezo para um estudante pobre que lutou arduamente para chegar até ali.(...)

Isso acontece porque o aluno-trabalhador dentro da universidade pública, não passa de apenas mais um, pois eles não têm a visibilidade e o reconhecimento que os alunos que se dedicam integralmente aos seus estudos têm dos professores. Isso se deve ao fato de os alunos-trabalhadores não poderem fazer parte de trabalhos de pesquisa e extensão da universidade, por não ter horário disponível. Trabalho esse que é de extrema importância para a formação e é um dos grandes diferenciais de um aluno numa universidade pública. Diante disso, ocorre um certo preconceito de alguns professores da universidade pública para este tipo de público e mais uma vez estes alunos, se sentem excluídos, reproduzindo aquilo que já está embutido em suas vidas, há muito tempo.

Também ocorre com alunos-trabalhadores uma outra situação muito pertinente. Muitos graduandos, às vezes, fazem cursos diferentes de suas atividades profissionais, dificultando assim a conciliação de sua formação acadêmica com sua atividade profissional, e também, alguns desses alunos não podem largar suas carreiras profissionais para fazerem estágios dentro da área a qual estão cursando, isso acontece, pois muitos deles dependem já de seus salários para se manterem financeiramente. Surge com isso, a insegurança de muitos alunos-trabalhadores que é a de não poder trabalhar dentro da área a qual se formou; uma sensação de frustração também surge, pois, tantos anos de dedicação podem ter sido apenas para a retirada de um diploma e a carreira profissional escolhida acaba não sendo a tão sonhada garantia de ascensão social e financeira.

A citação de Diógenes Pinheiro (2010, p. 26) reitera o que esta Monografia defende sobre as dificuldades que o aluno-trabalhador encontra numa Universidade Pública. Nesse caso, nos restringimos a falar da UNIRIO, pois ela serviu de base para as entrevistas que serão comentadas no capítulo seguinte:

A UNIRIO possui um grande contingente de alunos que têm origem popular ou que são trabalhadores, principalmente nos cursos de graduação e, especialmente, aqueles estudantes que frequentam os cursos noturnos. No entanto, não se tem conhecimento de quantos eles são, quantos trabalham e no que trabalham, e quais são as condições que enfrentam para se manter na universidade. Ninguém desconhece, no entanto, que um traço comum a esses estudantes é a dificuldade em cursar a universidade com qualidade, uma vez que eles têm pouco tempo disponível para os estudos, resultado das longas jornadas de trabalho, ou então enfrentam dificuldades na aquisição de material didático e na própria manutenção cotidiana na universidade, como transporte e alimentação, o que os leva a evadir precocemente ou a cursar precariamente o ensino superior, anulando ou dificultando sua possibilidade de ingresso qualificado no mercado de

trabalho e, conseqüentemente, sua trajetória de ascensão social. O acesso à universidade está longe de resolver os problemas dos estudantes de origem popular.

A preocupação fundamental deste capítulo foi mostrar que a dificuldade do aluno-trabalhador encontrada durante seu percurso na universidade, seja esta pública ou particular, pertence a fatores realmente determinantes para que este aluno tenha um bom ou um mau desempenho em sua formação superior. E também mostrar que os alunos-trabalhadores, em sua grande maioria, fazem parte das camadas sociais desfavorecidas economicamente. Isso pôde ser mostrado como reprodução da nossa sociedade, a qual vem prevalecendo a força do mais rico, anulando assim as possibilidades de sonhos dos mais pobres.

CAPÍTULO III

O QUE DIZEM OS ALUNOS TRABALHADORES – COMO ELES PERCEBEM SUA FORMAÇÃO NO ENSINO UNIVERSITÁRIO.

Neste capítulo, serão apresentadas as análises das respostas de quatro alunos do curso de Pedagogia da UNIRIO, que são trabalhadores e foram entrevistados para a conclusão deste trabalho. A intenção da elaboração destas entrevistas é dar voz a esses alunos-trabalhadores e fazer com que eles digam como se sentiram no decorrer do curso, e também de perceber a história de vida de cada um deles, os pontos favoráveis e os desfavoráveis para concluírem uma graduação na universidade pública, e por fim, saber deles como eles percebem sua formação no ensino superior e o que eles levam dessa experiência para suas vidas.

Três deles se formam em 2011 e somente uma aluna se forma em 2012, por isso foi muito mais fácil fazer a análise da vivência deles dentro da universidade, pois já estão se formando e assim, passaram pelas mais diversas experiências dentro dela.

O convite aos estudantes foi feito na Universidade e, prontamente, aceitaram receber o questionário via Internet, o qual foi devolvido respondido, pela mesma via. Escolhi esses alunos, pois estudei com eles em alguns períodos dentro dos muitos que cursei na UNIRIO. E por isso, conhecendo um pouco da história de vida de cada um deles, e sabendo das dificuldades que cada um enfrentou para chegar até a conclusão do curso, pensei imediatamente neles, ciente de que acrescentariam valiosas informações para a conclusão deste trabalho.

Apresentação dos entrevistados e análise inicial das respostas:

O primeiro entrevistado chamaremos de *M*³, tem 36 anos, é casado e tem uma filha. Trabalha em um escritório imobiliário como gerente no horário comercial, portanto, não trabalha com educação. Os pais dele tem como formação apenas o ensino primário. O aluno entrevistado iniciou o curso de Pedagogia em 2006 e estará se formando em 2011. O curso de Pedagogia não era sua primeira opção,

³ Por questões éticas, este trabalho não revelará os nomes dos alunos entrevistados.

sua maior área de interesse, era História, porém ele optou por Pedagogia por esse curso, ser o mais próximo da sua área de preferência. *M* cursou ensino médio numa escola pública, em um curso técnico voltado para a formação profissional.

A segunda entrevistada se chamará *A*, ela tem 24 anos e é solteira. Trabalha como professora em horário integral de uma escola particular. O pai dela teve como formação até o Ensino médio e a sua mãe é Pedagoga atuante. A aluna iniciou o curso de Pedagogia em 2005 e também concluirá o mesmo no final deste ano. O curso de Pedagogia foi sua primeira opção de escolha para o vestibular, pois ela já é formada em Letras e gostaria de se formar em Pedagogia, pois já é professora e sua mãe foi sua maior influenciadora para esta carreira. Ela cursou o ensino médio no Colégio Pedro II e após terminar o ensino médio, a mesma foi diretamente para o Curso de Letras.

A terceira entrevistada chamará *V*, ela tem 28 anos, é casada, sem filhos. Atualmente ela trabalha como estagiária pela UNIRIO no Instituto Benjamin Constant como professora, porém até um ano atrás, a mesma trabalhava como analista financeiro e trabalhava em uma empresa no horário comercial há mais de cinco anos. Ela iniciou o curso de Pedagogia em 2007 e concluirá o mesmo em 2012. O curso de Pedagogia não foi sua primeira opção, mas escolheu a Pedagogia, pois pretendia fazer a prova para Oficial da Marinha, sonho que deixou para depois de formada. *V* cursou o ensino médio no SENAC, técnico em administração, formação também voltada para o campo profissional.

A quarta e última entrevistada receberá o nome de *N*, tem 26 anos, é solteira. Também trabalha como estagiária, participa de um projeto da rede municipal do Rio de Janeiro como mediadora de um aluno especial e trabalha só na parte da manhã. Ela iniciou o curso de Pedagogia junto comigo em 2004/2 e concluirá agora em 2011. O curso de Pedagogia não era sua primeira opção, porém, foi o único em que ela conseguiu ser aprovada. A aluna entrevistada fez seu ensino médio no Colégio MV1.

Após analisar o início dessas entrevistas, podemos perceber que a aluna entrevistada *A* que veio de um ensino médio considerado "forte", o Colégio Pedro II, formou-se muito cedo e é a única aluna entrevistada que exerce sua atividade profissional de acordo com sua primeira formação acadêmica, Letras e isso se deve às diversas oportunidades que teve durante sua vida que permitiram a ela sair do segundo grau direto para o ensino superior, ainda bastante nova. Já os alunos que

vieram do ensino médio profissionalizante, logo ingressaram no mercado de trabalho, pela necessidade de se manterem financeiramente. Sendo assim, a oportunidade de ingressar no ensino superior veio tempos mais tarde, tanto para o aluno *M* quanto para a aluna *V*.

M trabalha ainda dentro da área empresarial e *V* tomou uma atitude bastante ousada. Ano passado largou seu trabalho de anos, no qual exercia a função de analista financeiro, para se dedicar integralmente à Pedagogia, e até conseguiu um estágio dentro da sua formação. Já a aluna *N*, que demorou sete anos e meio para se formar, pois no decorrer de sua graduação passou por problemas financeiros e precisou fazer um estágio, em horário integral, fazendo com que ela abrisse mão de cursar os períodos corretos da universidade, somente, no semestre passado, conseguiu sair desse estágio para fazer o estágio como mediadora na Prefeitura do Rio de Janeiro. Isso ocorreu para ela se dedicar integralmente para o término de sua monografia, e enfim, concluir sua graduação.

Podemos perceber também que o Curso de Pedagogia não é feito em sua maioria, por alunos que vieram do Curso Normal no ensino médio. Esse curso não é mais limitado a somente quem fez o ensino normal, pois hoje profissionais de áreas distintas procuram o Curso de Pedagogia, como foi o que vimos com os alunos *M* e *V*.

A faculdade é para o trabalhador-estudante um momento importante de reapropriação de um saber gradativamente expropriado ao longo da escolaridade e permite uma relação diferente com o processo de conhecimento e com a sua prática no mundo do trabalho (SPOSITO, 1989, p. 115).

O texto acima reitera a ideia de que estes alunos, ao retomarem seus estudos mantinham o desejo de modificarem suas vidas, pois consideram a faculdade um lugar de aquisição de conhecimento e por isso, um lugar de possível realização profissional e de satisfação pessoal. A opção do aluno *M* de voltar a estudar, mesmo depois dos trinta anos, é de que ingressar num ensino superior amplia nosso leque de oportunidades, tanto no campo profissional, como no campo do conhecimento. *M* poderia já estar conformado com sua carreira profissional, mas a sua inquietude o motivou e o fez procurar alcançar novos objetivos e assim, traçar novas metas para ele.

Já para a aluna *V*, o curso superior a fez movimentar em vários sentidos, tanto no momento em que ela volta a estudar para concluir o ensino superior, e

também, quando ela transformou completamente sua vida e saiu de seu emprego de mais de cinco anos, onde, aparentemente ela estava tranquila financeiramente e profissionalmente, para se dedicar ao que se tornou um sonho de vida, que é o trabalho com a Pedagogia.

É claro que tudo isso também acontece devido à legitimidade que é dada pela sociedade ao conhecimento acadêmico, pois, este, para ela, é a certeza do possível sucesso profissional, de ascensão social e financeira, já tão falado aqui neste trabalho. Sobre as informações de história de vida desses alunos entrevistados e que foram abordadas aqui e que continuarão a ser abordadas neste capítulo, partem da minha vivência com eles na universidade; muitas histórias acompanhamos um do outro já que convivemos um longo tempo na UNIRIO.

Análise das respostas dos entrevistados sobre seu percurso na Universidade:

O aluno *M* respondeu que seu horário de estudo ocorre somente aos finais de semana. Perguntado sobre como consegue conciliar sua vida pessoal, com a profissional e acadêmica, o mesmo respondeu que sacrifica sua vida pessoal, abrindo mão de alguns entretenimentos, para se dedicar e cumprir seus horários e os afazeres da vida de estudante. Perguntado porque ele trabalha, o mesmo respondeu que é para sustentar sua família, pois o mesmo tem uma esposa e uma filha que dependem dele financeiramente. *M* falou que pretende trabalhar com a pedagogia, e em relação a maior dificuldade encontrada por ele dentro do Curso de Pedagogia na UNIRIO é o horário de saída do trabalho para a faculdade e o horário da saída da faculdade para casa, e infelizmente, acontecia de ele chegar muito atrasado às aulas e os professores não entenderem a questão de ele ser aluno-trabalhador e, por isso, tem que cumprir seu horário de trabalho e como o horário da UNIRIO começa às 18h e ele sai às 17h 45min do trabalho, ele nunca conseguia chegar no horário à Faculdade. E também em relação à falta de tempo para estudar, já que se trata de um curso muito rigoroso e exigente.

A aluna *A* respondeu que seu horário de estudo ocorre à noite em alguns dias da semana, quando não há aula e aos finais de semana também. Ela falou que sempre é muito complicado conciliar sua vida profissional com a vida pessoal, já que sempre falta tempo para a vida pessoal, porém, quando não há trabalhos da faculdade para fazer e provas para corrigir de seus alunos, ela consegue se distrair um pouco. A aluna

falou que trabalha somente para se sustentar. Em relação a trabalhar com a Pedagogia, ela já trabalha, pois já é professora devido a sua formação em Língua Portuguesa. Já sobre a questão da maior dificuldade encontrada por ela dentro do Curso de Pedagogia da UNIRIO, ela reiterou que a maior dificuldade encontrada por ela deve-se ao fato da falta de tempo para fazer os vários trabalhos propostos pelo curso, mas por ela já trabalhar na área de educação, ela considera ter mais facilidade, pois, consegue dar uma lida nos textos do curso nas horas vagas no colégio que dá aula e para chegar à UNIRIO não é tão difícil devido ao colégio em que leciona ser próximo à faculdade e também ela tem um horário de trabalho mais flexível por ser docente.

A aluna V respondeu que em relação ao seu horário de estudo, a mesma consegue fazê-lo aos domingos à noite ou durante as brechas que encontra no horário do seu estágio. Ela disse que é muito difícil conciliar sua vida profissional com a vida pessoal, e chega a ser desesperador, às vezes, pois tem horas que ela não sabe o que fazer primeiro. Têm finais de semana que ela precisa fazer trabalho da faculdade, estudar para prova, dar atenção ao marido, ir à igreja, lavar roupa, enfim, cumprir seus afazeres domésticos e até visitar a mãe que mora distante dela, mas nem isso ela tem conseguido e, atualmente, a mãe é que tem ido à sua casa. Ela precisa trabalhar para ajudar o marido financeiramente e também para manter sua independência financeira.

E em relação a trabalhar com a Pedagogia, ela fala de sua experiência enquanto trabalhou na área financeira por mais de cinco anos, e foi quando chegou em um determinado momento, que ela percebeu que esta profissão já não tinha mais sentido e o perfil profissional dela havia se tornado mais humanizado com a Pedagogia, foi aí que ela decidiu mergulhar na Pedagogia e se dedicar integralmente ao curso, abrindo mão de sua antiga profissão. A esta transformação de vida, podemos citar a célebre frase do Professor Paulo Freire (1996, p. 58): *“Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”*. De acordo com a experiência da aluna V, a sua inquietação a fez mover e buscar novos desafios para sua vida, e isso só aconteceu porque a Pedagogia entrou na vida dela e transformou sua história de vida e sua capacidade de enxergar o ser humano, pois através da pedagogia, ela se humanizou ainda mais e com isso foi capaz de reinventar outras possibilidades para o seu futuro.

Para V a maior dificuldade encontrada pelo aluno-trabalhador para concluir o Curso de Pedagogia da UNIRIO, é quanto à realização dos estágios, pois até para

trabalhar com a Pedagogia, encontramos dificuldades por causa do horário dos estágios, principalmente o de Ensino Médio. Outro problema também é a falta de compreensão de alguns professores com atrasos que, na maioria das vezes, deve-se ao fato de os alunos estarem vindo de seus trabalhos e o horário da saída do trabalho confronta com o horário de início das aulas, e sem dizer que a UNIRIO, fica num local de difícil acesso, com poucas opções de transporte. E muitos professores, não compreendem, dando falta por isso, e sabemos o quanto é grave um determinado número de faltas, pois podemos ser até reprovados.

A quarta aluna entrevistada, *N*, falou que seus horários de estudo acontecem na parte da tarde, já que seu estágio é no horário diurno. Em relação a como consegue conciliar vida pessoal e profissional, a mesma nos fala que quando trabalhava o dia inteiro numa escola era difícil conciliar tudo, alguma área sempre ficava prejudicada, principalmente a faculdade porque tinha que puxar poucas matérias, e por isso, acabou se atrasando e fazendo sua graduação em sete anos e meio.

Ela respondeu que trabalha porque seus pais não têm condições financeiras de sustentarem ela, sozinhos, e por isso o dinheiro do estágio fica para ela se manter. Ela também pretende trabalhar com a Pedagogia no campo da educação especial. Para ela, a maior dificuldade encontrada no curso de Pedagogia para alunos-trabalhadores, é conciliar os horários, pois a UNIRIO não é flexível quanto aos horários das aulas em seu currículo e também é o fato de alguns professores exigirem trabalhos muito extensos.

Ao analisar as respostas dos entrevistados, podemos perceber que a maioria das respostas cita essas como maiores dificuldades encontradas na universidade pública, nesse caso, a UNIRIO: o tempo que eles levam para chegar à Universidade, e com isso, acabam se atrasando para chegar as aulas e se deparam com a incompreensão de alguns professores; a disponibilidade para estudar e a dificuldade para fazerem os vários trabalhos propostos pela faculdade. Tudo isso também, levando em consideração o desgaste físico, mental e emocional que esses alunos passam durante seu percurso na Universidade.

Penso que os professores deviam ser mais flexíveis e prontos ao diálogo para o problema do choque de horário de trabalho de alguns alunos-trabalhadores com o horário de início das aulas na faculdade, para que esse tipo de problema não seja um impedimento para esses alunos concluírem sua graduação na universidade pública. Outra situação é em relação à disponibilidade de horário para estudos. Eles não devem

se sentir recriminados por não conseguirem ter um horário de estudo regular, igual ao dos alunos que não trabalham. Uma vez ocorreu, em uma aula que eu assistia, de uma professora fazer uma crítica a um aluno-trabalhador quando este falou que lia seus textos no caminho da casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade e vice-versa, ou seja, as famosas leituras no ônibus. Ela disse que essa não era a maneira correta para uma leitura de um texto científico e que seria pouco provável que ele fosse adquirir algum conhecimento com essa forma de estudar. Mas como ser diferente nesse hábito, se ele só tinha tempo para estudar aos domingos e nestes períodos? Já em relação à quantidade de trabalhos solicitados pelos professores do curso, acredito que deveria ser administrada melhor entre eles, para que as entregas de todos os trabalhos do semestre não fossem tão próximas umas das outras, e que os planejamentos desses trabalhos fossem feitos, antecipadamente por todos os professores, para não prejudicarem os alunos-trabalhadores, e assim, os alunos poderiam se organizar, previamente, para elaborarem seus trabalhos acadêmicos.

Análise das respostas dos entrevistados sobre como eles percebem sua formação no ensino superior.

O aluno *M* diz que depois de concluir seu curso, ele pretende se aperfeiçoar ainda mais para poder lecionar. Ele percebe sua formação como algo que muito o engrandeceu culturalmente. E a maior lição que ele leva do Curso de Pedagogia diante das dificuldades encontradas por ele para conciliar vida acadêmica e profissional foi o entendimento de que o esforço de se formar é um grande passo que vale a pena para nossa formação, e conclui que esta formação, não se encerra somente neste curso de graduação.

A aluna *A* respondeu que após o término do seu curso, pretende fazer concurso público para a área pedagógica. Ela fala que percebe sua formação como algo motivador e que a faz não querer parar de estudar e continuar se aperfeiçoando. E em relação às dificuldades encontradas para conciliar vida acadêmica e profissional, ela diz que poderia render mais se não trabalhasse, envolver-se mais em pesquisas acadêmicas, porém é bom perceber que mesmo assim, conseguiu vencer todas as dificuldades de ser um estudante trabalhador e considera ter desenvolvido o melhor trabalho que poderia, mesmo não tendo tempo hábil para isso, e muitas vezes perdendo até noites de sono. Ela acredita que como conseguiu concluir uma faculdade,

trabalhando, agora também é possível concluir uma pós, mestrado e doutorado, ainda mais porque ela já está dentro da área de educação, e isso tornam as coisas ainda menos complicadas.

A aluna *V* diz que após o término do curso, pretende fazer concurso público para a Marinha/Petrobrás ou BNDES, mas antes quer trabalhar nas empresas com R&S/T&D⁴. Ela percebe, em sua formação no ensino universitário, que mesmo com todos os problemas enfrentados, distância entre sua residência e a faculdade e entre o trabalho e a faculdade, ela pensa que valeu e está valendo a pena pelo currículo que ela está buscando e pelo conhecimento adquirido ao longo da faculdade. E a maior lição que ela tirou dessa experiência de conciliar vida acadêmica e profissional, é a de que deve fazer jus a todo este esforço e não deixar seu diploma barato, e ele se tornar, simplesmente um papel. Pretende, a todo custo, exercer a profissão e por isso ela se dedica muito para fazer valer todo esforço empregado, devido a tudo o que ela precisou passar para chegar até aqui, desde o pré-vestibular comunitário, no qual ela precisava comer na casa das pessoas e pegar carona para comparecer ao mesmo, até os dias de hoje, pois, ainda precisa se desdobrar com as atividades de casa, família, trabalho e faculdade.

A aluna *N* diz que pretende trabalhar como professora e fazer uma pós graduação em Educação Especial. Ela percebeu que a maior contribuição que teve para sua formação foram os estágios não obrigatórios e os obrigatórios, pois ela considerou que faltaram alguns pontos para complementar sua formação no curso de Pedagogia, pois muitas questões surgiram ao longo do mesmo, mas o que realmente a ajudou sanar essas dúvidas e fez com que ela descobrisse o que ela queria seguir profissionalmente, foi um dos estágios não-obrigatórios, pois nele ela descobriu seu interesse pela área da Educação Especial. Apesar do cansaço por conta de estar muito tempo na faculdade, as experiências dos estágios (não obrigatórios e obrigatórios) foram de grande importância para o crescimento profissional dela. Já a grande dificuldade encontrada por ela e que ela tira como maior lição foi realmente conciliar trabalho e estudo, dificuldade esta encontrada por alunos numa Universidade pública, local de discussão e pesquisa, porém é uma questão pouco levada em consideração, e com isso, ela faz uma observação dizendo que o atendimento na Universidade Pública

⁴ R&S – Recrutamento e Seleção e T&D – Treinamento e Desenvolvimento.

para esses alunos torna-se longe de ser um atendimento que supra verdadeiramente as necessidades deste público.

Diante desses relatos, podemos perceber que estes alunos-trabalhadores, em sua maioria, já tem seus planos articulados após concluírem sua graduação, isto porque todos pretendem continuar se aperfeiçoando dentro da pedagogia. Vimos que todos querem atuar neste campo, seja na escola ou fora dela, e não se arrependem de ter escolhido este curso, mesmo para os alunos que não escolheram ela como sua primeira opção, ou seja, todos demonstraram verdadeira paixão pelo Curso de Pedagogia.

Uma coisa muito importante percebida durante as entrevistas e levada em consideração aqui como um ponto positivo é que os alunos entrevistados pretendem continuar se aperfeiçoando, ou seja, investindo em sua formação continuada dentro da área. Cabe ressaltar, que *“como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.”* (FREIRE, 1996, p.52). Paulo Freire reforça a ideia de que o educador tem que viver uma eterna busca pelo aprender, ele deve estar atento às mudanças e às necessidades que o tempo lhe impuser, pois somente assim, ele será verdadeiramente educador, pois como ele mesmo falou *“não há docência sem discência”*, ou seja, devemos enquanto educadores viver sempre em busca de aprender, e assim, também permaneceremos discentes. O educador precisa ter uma visão aberta e pronta para novas descobertas.

O aluno *M* ao falar que o Curso de Pedagogia o engrandeceu muito culturalmente, nos remete ao seguinte texto de Marília Sposito (1984, p. 17):

Uma outra expectativa presente nas representações dos alunos é ambigualmente designada como 'adquirir cultura'. (...) Discriminados economicamente, sofrendo as desigualdades do sistema escolar, esses alunos acreditam que a posse do 'saber', ainda considerado como algo obscuro e até mágico, lhes daria condições de melhor enfrentamento e talvez de superação de sua condição social.

Esse texto reitera a fala do aluno entrevistado em relação ao que ele considera como engrandecimento cultural, pois para ele, a universidade trouxe o conhecimento, e por isso, ele agora se torna superior às dificuldades financeiras e sociais que ele enfrentou no decorrer de sua história de vida, e se sente dotado de conhecimento intelectual e cultural, e portanto, um cidadão consciente e crítico.

Esse pensamento vem reiterar o que essa monografia também defende que é a expectativa de que o aluno-trabalhador, principalmente aquele que advém das classes populares, deposita num curso universitário. Para ele é a melhor, ou talvez, a única forma de fazer com que ele, enquanto aluno-trabalhador, desfaça a tão famosa desigualdade social embutida em nossa sociedade. E quando ele consegue, enfim, conquistar o tão sonhado diploma, ele se sente “aceito” dentro dessa sociedade tão excludente.

No relato da aluna *A* percebemos que a mesma encontrou dificuldades em conciliar seus estudos com sua atividade profissional, porém, por ela já trabalhar na área de educação, ela concorda que fica mais fácil conciliar esses dois momentos. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, ela se mostrou muito empenhada em permanecer estudando, pois como ela disse, já que conseguiu concluir sua segunda faculdade trabalhando - na primeira ela ainda não trabalhava - ela continua pretendendo estudar, fazendo mestrado e futuramente o doutorado.

Podemos perceber que o que ocorre com a aluna *A* é muito diferente do que ocorre com os demais alunos, a sua história de vida foi mais favorável, e por isso, ela não saiu direto do segundo grau, para o mercado de trabalho, assim como aconteceu com o aluno *M* e a aluna *V*.

O caso da aluna *V* foi o que mais me chamou a atenção durante o período em que estive na universidade, por isso também a escolhi para ser entrevistada. A força de vontade dela e o modo como ela mudou completamente sua vida profissional, trocando o trabalho de mais de cinco anos, por um estágio dentro do curso de Pedagogia, foram subsídios importantes que me levaram a querer o depoimento dela para a elaboração da minha Monografia.

Ela também veio da classe popular, ingressou em uma universidade pública, e trabalhava para se manter e também para ajudar financeiramente sua casa. Abandonou um bom emprego, o qual como ela mesma me disse em conversas informais - que ganhava “bem” - para se dedicar à Pedagogia integralmente. Ela tomou essa decisão porque não conseguia fazer as disciplinas do curso regularmente, pois, o currículo é muito extenso e com pouca flexibilidade. Sem dizer quanto aos atrasos que eram frequentes e acontecia de muitos professores não compreenderem essa situação. Outra dificuldade que a motivou também foi a falta de tempo para poder estudar, e acabava que ela não se dedicava integralmente ao seu curso. Pois, para ela tanto esforço e sacrifício que a levaram para uma universidade pública, não poderiam ser

desperdiçados e ela então tomou a decisão de só se dedicar à Pedagogia, trocando um emprego “fixo” por um estágio, ganhando muito menos e sem os direitos trabalhistas que um emprego garante.

A aluna *N* também tem uma história de muita luta durante seu percurso na universidade pública, enquanto aluna-trabalhadora, como já vimos. Ela registrou uma observação muito pertinente e também já comentada aqui neste trabalho que é a relação de desconhecimento da história de vida que a universidade pública tem com seus alunos-trabalhadores, como vimos no texto de Diógenes Pinheiro. A aluna se diz inconformada com o tratamento de descaso da universidade, pois não há discussão em torno deste tema, e com isso, muitos alunos-trabalhadores têm sua realidade desconhecida. O que este trabalho também quer alertar é que a política de permanência de alunos de classes populares e alunos-trabalhadores da universidade pública é de relativa exclusão. Ela não exerce um papel verdadeiramente democrático, pois, não cria políticas realmente efetivas e democráticas de permanência, não basta mais somente facilitar o acesso.

Nessa mesma direção, a defesa dessa monografia está de acordo com o texto abaixo de Ristoff (2008, p.45) quando ele afirma que:

Se a palavra de ordem da década passada foi *expandir*, a desta década precisa ser *democratizar*. E isto significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados.

A democratização, para acontecer de fato, precisa de ações mais radicais - ações que afirmem os direitos dos historicamente excluídos, que assegurem o acesso e a permanência a *todos* os que seriamente procuram a educação superior, desprivatizando e democratizando o *campus* público. (grifos do autor).

O aluno-trabalhador e as falas com suas experiências foram o foco principal deste capítulo, justamente porque considero que esse grupo de alunos não tem vez e nem voz na universidade pública. Falo desta, pois ela além de ser o campus da pesquisa, é uma instituição de ensino gratuito e de qualidade, algo que sabemos que a diferencia dos cursos encontrados nas universidades particulares.

Durante os sete anos e meio que estive na UNIRIO, passei por muitas dificuldades assim como esses alunos, mas ao analisar todos os depoimentos e de compará-los com a minha trajetória dentro da universidade, uma certeza consegui

chegar que foi em relação ao amor que adquirimos pelo curso, e o quanto este acrescentou a nossa vida enquanto seres humanos e também enquanto sujeitos no mundo.

Ao concluir minha graduação, quero levar como experiência para minha vida algo que li durante minhas pesquisas para a elaboração da minha monografia, que foi o texto de Gramsci sobre o ensino noturno. Ele enquanto educador de ensino universitário descreve a felicidade de se trabalhar em um curso de uma escola socialista com alunos-trabalhadores da classe popular. Ele narra todas as dificuldades e os desafios que enfrenta ao levar para esses alunos a mensagem de sua aula, mas acaba se surpreendendo com alunos extremamente interessados e sedentos para aprender, muito diferente do que ele encontra nas escolas burguesas.

Esse texto tem uma beleza poética na qual Gramsci demonstra que acima de educador, ele é um ser humano empenhado em transformar a realidade daqueles alunos-trabalhadores. Eles estão ali cheios de esperança e certos de que o conhecimento poderá transformar suas histórias de vida, e o grande educador Gramsci conseguiu estar atento a eles e assumiu um compromisso para a mudança social destes alunos. Durante o texto, o autor demonstra se dedicar de corpo e alma para essa classe com amor e dedicação acima de qualquer teoria em primeiro lugar. Isso me fez lembrar também do nosso querido educador Paulo Freire, devido sua relação com a educação de jovens e adultos, público que também merece respeito e destaque para estudo.

Portanto, deixo o texto de Gramsci ao término deste capítulo, como uma forma de reflexão para o ensino de alunos-trabalhadores, que em sua maioria, fazem parte da classe popular e os mesmos têm um grande interesse em aprender e de transformar suas vidas, e por isso, precisam de uma atenção maior na universidade pública já que esta e alguns professores que nela trabalham, deveriam cumprir o que o slogan do Ministério da Educação diz: *“Educação para todos”*, assim, ela seria contrária ao que infelizmente faz na prática, e deveria se tornar um lugar realmente democrático, aberto a todas as discussões e histórias de vida, sendo assim, realmente um lugar que respeita a diversidade cultural e social do nosso país.

Gramsci e o ensino noturno.

O primeiro curso da escola de cultura e propaganda socialista iniciou-se na semana passada, com a primeira aula de teoria e o primeiro exercício prático, e de um modo que não deixou de nos dar plena satisfação. Por este início, sentimo-nos autorizados a nutrir as melhores esperanças de êxito. Por que negar que alguns de nós duvidavam? Duvidavam que, encontrando-nos apenas uma ou duas vezes por semana, todos cansados do trabalho, nos fosse possível encontrar em cada um aquela vivacidade sem a qual as mentes não podem comunicar, os ânimos não podem aderir e a escola não pode se realizar como uma série de atos educativos vividos e sentidos em comum. Talvez estivéssemos céticos pela experiência das escolas burguesas, a tediosa experiência dos alunos e a dura experiência dos professores: o ambiente frio, opaco a qualquer luz, resistente a todo e qualquer esforço de unificação ideal, os jovens reunidos naquelas salas não pelo desejo de se tornarem melhores e de compreender, mas pelo objetivo, talvez não expresso mas claro e comum a todos, de se destacarem, de conquistar um 'título', de expor a própria vaidade e a própria preguiça, de hoje se enganarem a si mesmos e amanhã aos outros.

E vimos, em torno de nós, numerosos, espremendo-se uns aos outros em bancos desconfortáveis e no espaço restrito, esses alunos insólitos – na maior parte, não mais jovens, fora, portanto, da idade em que aprender é algo simples e natural, e ainda por cima todos cansados depois de um dia de trabalho na fábrica ou no escritório – seguir com a máxima atenção a seqüência da aula, esforçarem-se para registrá-la no papel, expressar concretamente que, entre quem fala e quem escuta, se estabelecera uma viva corrente de inteligência e simpatia. Isto não seria possível se, nesses operários, o desejo de aprender não brotasse de uma concepção de mundo que a vida mesma lhes ensinou e eles sentem a necessidade de tornar clara, para possuí-la completamente, para poder realizá-la plenamente. É uma unidade que preexiste e que o ensino pretende consolidar, é uma unidade viva que, nas escolas burguesas, em vão se procura criar.

A nossa escola é viva porque vocês, operários, trazem para ela sua melhor parte, aquela que o cansaço da fábrica não pode enfraquecer: a vontade de se tornarem melhores. Neste momento tumultuado e tempestuoso, vemos toda a superioridade da sua classe expressa no desejo que anima uma parte cada vez maior de vocês, o desejo de adquirir conhecimento, de se tornarem capazes, donos do seu pensamento e da sua ação, artífices diretos da história da sua classe.

A nossa escola continuará e trará os frutos que lhe for possível trazer: ela está aberta a todos os acontecimentos. Amanhã, um acaso qualquer poderá afastar e dispersar a todos nós que hoje nos reunimos em torno dela, dando e recebendo um pouco do calor, da fé de que necessitamos para viver e lutar; depois faremos as contas, mas por ora assinalemos este nosso saldo positivo, assinalemos esta impressão de confiança que nos vem das primeiras aulas, do primeiro contato. Com o espírito destas primeiras lições queremos ir em frente."

Gramsci, Antonio. *L'Ordine Nuovo 1919-1920*.
Org. por Valentino Gerratana e Antonio A. Santucci.
Turim: Einaudi, 1987, p. 361-2.

CONCLUSÃO

Não tive dúvidas ao escolher o assunto para a minha monografia: as dificuldades do aluno-trabalhador no ensino superior noturno. Queria principalmente dar voz para os alunos-trabalhadores na universidade pública. Queria dizer de onde viemos, de como foi difícil chegar até aqui, de como foi difícil permanecer e de como é gratificante ver de perto o ponto de chegada.

A escrita dela não foi nada fácil, mesmo em se tratando de um assunto que eu conheço muito bem. Tive duas grandes dificuldades para elaborar minha monografia, uma delas deve-se ao fato de ter tido muita dificuldade para encontrar bibliografias sobre este tema: aluno-trabalhador no ensino superior noturno, me fazendo comprovar como o assunto é pouco abordado no mundo acadêmico. A segunda grande dificuldade que encontrei foi em relação ao corre-corre que é a minha vida, dificuldade esta que foi abordada aqui neste trabalho, que é conciliar vida acadêmica com vida profissional e vida pessoal. Estive desafiando o tempo cronológico, e com isso, precisei deixar de dormir algumas horas por noite para poder fazer minha monografia, ocasionando a fadiga mental e física, algo que já carrego desde o início do curso.

Ao elaborar este trabalho sinto que consegui cumprir o maior objetivo desejado, que foi falar sobre as dificuldades que o aluno-trabalhador encontra no ensino superior noturno, mas me restringi a falar mais sobre a universidade pública, devido esta ter sido o campus para pesquisa. Utilizei como método de pesquisa, entrevistas de quatro alunos-trabalhadores relatando suas maiores dificuldades, suas expectativas e suas histórias de vida. Eles também puderam falar como percebem sua formação no ensino superior e qual a maior lição que tiraram da experiência de conciliar vida acadêmica com a vida profissional e pessoal.

Ao analisar essas respostas, pude constatar que os alunos-trabalhadores passam por diversas dificuldades na universidade pública. Sejam elas devido a seus atrasos as aulas gerando a incompreensão de alguns professores e conseqüentemente faltas nessas disciplinas; a fadiga mental, física e até, em alguns casos, emocional dos alunos; falta de tempo para estudar e para a elaboração dos diversos e extensos trabalhos da Academia; problema na locomoção do trabalho à faculdade, e da faculdade para as residências dos alunos, devido a localização da mesma ser distante e com poucas opções de transporte; falta de bandejões nos campi, os quais em sua

maioria, são restaurantes de qualidade e de valor acessível para consumo; outro problema também foi perceber que os alunos-trabalhadores não tem como participar de bolsas para pesquisas, ou seja, acabam não fazendo parte de nenhum programa de iniciação científica da universidade pública, algo extremamente importante para os estudantes de uma universidade pública.

Outro problema muito sério, encontrado nos relatos, é o fato de se tratar de um curso de Educação de nível superior de uma instituição pública, no qual ainda há muito preconceito dos professores em aceitar os vários problemas que esse público enfrenta no decorrer de sua graduação, algo que foi citado no segundo capítulo deste trabalho, no texto do Professor Diógenes Pinheiro. O descaso desses professores me faz perceber que eles negam a tudo que Paulo Freire, nossa maior referência de educador, defende em sua teoria, pois para ele, o ato de educar, antes de tudo, é um ato de amor, e que a história de vida de nossos alunos tem de ser respeitada e levada em consideração em sala de aula.

Com isso, chego à conclusão que a universidade pública não é um local verdadeiramente democrático, pois demonstra não estar pronta para receber alunos das camadas populares que, em sua maioria, acabam sendo alunos-trabalhadores, isso porque ela não apresenta políticas públicas efetivamente democráticas que ajudariam a sanar muitos dos problemas relacionados acima e pior, há muitos professores que ainda estão cheios de preconceitos e despreparados para lidar com as diversas situações que esse tipo de público enfrenta.

Portanto, ao escrever minha monografia tive a oportunidade de expor tudo o que vivi durante esses anos na UNIRIO como aluna-trabalhadora. Quero muito trabalhar como Pedagoga, seja como professora ou na gestão escolar, ou até na área de Treinamento da empresa a qual trabalho, o que não quero é que o meu diploma seja apenas um papel, quero honrar o meu diploma colocando em prática tudo aquilo que aprendi na universidade. Só tenho a agradecer a UNIRIO, pois mesmo com os momentos tristes de incompreensão que as vezes passei com alguns professores e alunos, só aprendi com tudo isso. Considero que minha formação me fez crescer intelectualmente, e principalmente, só veio a me acrescentar como ser humano. Sinto-me hoje sujeito das minhas ações e pessoa capaz de dar voz a minha história, enfim, uma pessoa com uma visão crítica, uma cidadã consciente de seus deveres e direitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cleide Lugarini de, SPOSITO, Marília Pontes. **O aluno do curso superior noturno – um estudo de caso.** Cad. Pesq., São Paulo, Maio 1984. <Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n57/n57a01.pdf>.> Acesso em 20/11/2011.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Ensino Noturno: realidade e ilusão.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GRAMSCI, A. **L' Ordine Nuovo.** 1919-1920. Org. por Valentino Gerratana e Antonio A. Santucci. Turim: Einaudi, 1987, p. 98-100.

MORAES, Ana Shirley de França, CARR, Ferreira Renato, GÔUVEA, Lucia Helena Martins (pesquisadores), **O Trabalhador-Estudante no Ensino Superior: suas Representações e Expectativas em Relação ao Mercado de Trabalho e ao Ensino.** Disponível em < <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/335/339>.> Acesso em 24/10/2010.

OLIVEIRA, João Ferreira de; BITTAR, Mariluce; LEMOS, Jandernaide Resende (orgs.). **Ensino superior noturno no Brasil: democratização do acesso, da permanência e da qualidade.** V. 19, nº 40. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

Pinheiro, Diógenes. *Estudantes de origem popular na universidade: em busca de visibilidade e reconhecimento.* In: SANTOS, Renato Emerson, ALVARENGA, Maria Soares de, NOBRE, Domingos, ALENTEJANO, Paulo (orgs.). **Educação Popular, movimentos sociais e formação de professores: diálogos entre saberes e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

RISTOFF, Dilvo. **Educação Superior no Brasil – 10 anos pós-LDB: da expansão à democratização.** In: BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília (orgs.). **Educação Superior no Brasil – 10 anos pós-LDB.** Brasília: INEP, 2008, p. 39-49.

SAVIANI, Demerval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da educação).

SPOSITO, Marília Pontes. **O trabalhador estudante, um perfil do aluno do curso superior noturno.** São Paulo: Loyola, 1989.

ANEXO

Roteiro de Entrevista para minha Monografia.

- 1 – Sexo:
- 2 – Idade:
- 3 – Estado Civil:
- 4- Escolaridade dos pais:
- 5 – Ano que iniciou o curso superior na UNIRIO?
- 6 – Ano que concluirá o curso superior na UNIRIO?
- 7 – Pedagogia foi sua primeira opção ao prestar o Vestibular?
- 8 – Por que escolheu fazer Pedagogia?
- 9 – Qual sua atividade profissional?
- 10 – Qual seu horário de trabalho?
- 11 – Trabalha em escola ou em empresa?
- 12 – Qual o seu horário de estudo?
- 13 – Em que escola você se formou no Ensino Médio? E qual o curso você concluiu?
- 14 – Como você consegue conciliar sua vida pessoal (incluindo estudos, família, religião, lazer) com a profissional?
- 15 – Por que você trabalha?
- 16 – Você conta com alguém para te ajudar na sua vida profissional e pessoal?
- 17 – Você pensa em trabalhar com a Pedagogia?
- 18 – Na sua opinião, qual a maior dificuldade do aluno trabalhador dentro de um curso superior na UNIRIO?
- 19 – O que você pretende fazer quando terminar o curso de Pedagogia?
- 20 – Como você percebe sua formação no ensino Universitário? O que você tira de maior lição do curso de Pedagogia diante das dificuldades encontradas para conciliar sua vida profissional e acadêmica?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Viviane Teixeira Ribeiro

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: As dificuldades do aluno-trabalhador no ensino superior noturno.

ORIENTADOR(A): Prof.^a Dra. Maria Helena Tiana Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Prof.^a Dra. Angela Maria

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

"A monografia de Viviane disserta sobre uma temática que precisa ser investigada com maior urgência. O aluno trabalhador do ensino superior noturno é um grande desafio que ainda é ignorado pela maioria dos docentes. Por isso suas breves reflexões merecem ser consideradas e refletidas no mundo acadêmico. Pelo seu desafio neste trabalho completo-lhe nota 10,0 (dez). Abstr."

DATA: 12/12/2011

Assinatura: Angela Maria Souza

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Professora Dra. M^a Elena Viana Souza.

Nota: 10,0

Considerações:

O tema desenvolvido pela aluna é bem relevante, pois refere-se a uma situação enfrentada por muitos estudantes do curso noturno e, nem sempre, é tratada, de forma comprometida, pelos pesquisadores e acadêmicos.

Percebo o trabalho da aluna iniciar como um "grito de socorro" em prol daqueles que tanto se esforçam para conseguir um diploma universitário, em busca de uma vida mais digna. Nesse sentido, é um comprometimento militante que denuncia e contribui pois ao mesmo tempo que denuncia o que estudantes universitários do curso noturno têm que enfrentar, nas entrelinhas leva o leitor a se sensibilizar com o fato.

Data: 19/12/2011

Assinatura: Maria Elena Viana Souza

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2011.

Maria Elena Viana Souza

Prof. Orientador